

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

GRACIELE ROSA DE JESUS

**Ensino de LE e Abordagem Instrumental: práticas de leitura e
compreensão de textos do gênero fábula**

PONTES E LACERDA - MT
2013/1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

GRACIELE ROSA DE JESUS

**Ensino de LE e Abordagem Instrumental: práticas de leitura e
compreensão de textos do gênero fábula**

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso-*Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras sob a orientação da Professora Ms^a. Carmem Zirr Artuzo.

PONTES E LACERDA - MT
2013/1

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof.^a. Ms.^a. Carmem Zirr Artuzo

(Orientadora)

Prof. Ms. João Vanes da Silva Tobias

Prof.^a. Rita de Cássia Penteado

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por estar sempre presente na minha vida, e tornar tudo possível. À minha mãe Irene Rosa de Jesus (in memória). À minha avó Leonilda Rosa Machado, pela confiança ajuda e força. Ao meu namorado Andrei Bagatin pelo amor, pela amizade, e pelo conforto nas horas difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força, coragem, sabedoria, paciência e perseverança, sem a qual, eu jamais teria conseguido chegar ao fim dessa etapa. Obrigada Senhor,

Agradeço a minha avó Leonilda Rosa Machado, pelo carinho, pelo amor e pela compreensão nos momentos ausentes. Obrigada por estar ao meu lado nos momentos em que mais precisei. Amo você,

Agradeço a minha mãe Irene Rosa de Jesus (in memória), que se faz presente em todos os dias de minha vida, sei que de seu lugar olha por mim, sofre com minhas derrotas e se alegra com minhas vitórias,

Agradeço ao meu namorado Andrei Bagatin Maggio de Lima, por ter compreendido e entendido todos os momentos de ausência e por estar ao meu lado me apoiando, ajudando e torcendo por mim. Obrigada por me fazer feliz, te amo,

Agradeço a minha amada prima-irmã Aline Machado do Amaral, por toda amizade, compreensão, ajuda e por apenas existir em minha vida, amo,

Agradeço a minha amada irmã Luciane de Jesus Pereira, por estar ao meu lado nos momentos difíceis, e por acreditar em mim, te amo Lú,

Agradeço as minhas amadas sobrinhas, Jackeline, Kamile, Kimberly, amo vocês. Agradeço aos meus tios e primos pela confiança e torcida por esta importante vitória,

Agradeço a Luzia Bagatin pela torcida e pelo carinho. Obrigada por tudo,

Agradeço a minha amiga Queila Francisca de Souza em que caminhamos juntas durante o curso e compartilhamos momentos difíceis, tristes e alegres. Obrigada por toda compreensão e companheirismo,

Agradeço a minha amiga Dhyenny Ribeiro, por toda força e compreensão e por concluirmos juntas essa etapa da vida. Obrigada pela amizade,

Agradeço a minhas amigas Josane Macedo e Valdinéia Muniz, por convivermos juntas no espaço profissional e acadêmico, juntas compartilhamos momentos divertidos, alegres e tristes. Obrigada por existir em minha vida, amo vocês,

Aos colegas de classe pela espontaneidade e alegria, no decorrer de todos esses anos de curso,

Agradeço à minha patroa Daniela Bragato, sempre disposta a ajudar, sempre entendeu todos os momentos em que me ausentei no trabalho. Obrigada pela ajuda nas horas de sufoco e pela paciência,

Agradeço as minhas amigas de trabalho, Aninha, Dione, Jadi, Jú, Inês. Obrigada pela torcida, amos vocês,

Agradeço a minha orientadora Carmem Zirr, pela grande sabedoria e paciência soube me conduziu nessa longa jornada em busca do conhecimento. Obrigada por acreditar em mim, possibilitando concluir mais esta etapa de minha vida acadêmica,

Agradeço ao professor João Vanes e a professora Rita de Cássia Penteado, por ter feito parte da minha banca de defesa,

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho pudesse se concretizar.

Obrigada por tudo!

É preciso criar pessoas que se atrevam a sair das trilhas aprendidas, com coragem de explorar novos caminhos. Pois a ciência construiu-se pela ousadia dos que sonham e o conhecimento é a aventura pelo desconhecido em busca da terra sonhada. (Rubem Alves)

RESUMO

Este trabalho visa apontar novos horizontes de práticas pedagógicas para o ensino de Língua Estrangeira, mais especificamente de Língua Inglesa. Objetivei neste trabalho apresentar um estudo acerca da abordagem Instrumental associada ao gênero fábula para aplicação no ensino de LE. A partir de minha experiência vivenciada como acadêmica durante o estágio supervisionado III, do curso de licenciatura plena em Letras da Universidade do Estado de Mato de Grosso, realizada em uma escola da rede pública. Ao longo de minha pesquisa, usei subsídios teóricos que me auxiliaram na produção desse trabalho, destacarei apenas alguns autores como: Maciotto e Souza (2010), Góes e Matsubara (2010, p.46), Paiva (2007), Santos, Scarabotto e Matos (2011), Marcelo (2010, p.280), OCNs (2006), Coracini (1995), Abreu-Tardelli (2007), PCNs (1998), Xavier (s/d), Santos (2011) entre outros.

Palavras chave: estratégias de leitura, gênero fábula, formação continuada.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	10
I- CAPÍTULO: REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1 A importância da conscientização dos professores de Língua Inglesa no processo de formação continuada.....	12
1.2 Os benefícios da tecnologia no ensino de LE.....	16
1.3 Os gêneros discursivos: no ensino aprendizagem de língua inglesa.....	20
1.4 A fábula como gênero educativo no ensino de Língua Inglesa.....	23
1.5. A importância da leitura.....	25
1.6 As estratégias de leitura e seu surgimento.....	27
1.7 Identificando algumas estratégias de leitura.....	29
II- CAPÍTULO: METODOLOGIA.....	33
III- CAPÍTULO: ANÁLISE.....	34
3.1 Refletindo sobre o uso do inglês instrumental associado ao gênero fábula no ensino de LI.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	4

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apontar sugestões de práticas pedagógicas para o ensino de Língua Estrangeira (LE), mais especificamente de Língua Inglesa (LI). A partir de minha experiência vivenciada como acadêmica durante o estágio supervisionado III, do curso de licenciatura plena em Letras da Universidade do Estado de Mato de Grosso, realizada em uma escola da rede pública em Pontes e Lacerda. O interesse em expor e discutir sobre minha prática surgiu pelo seguinte questionamento: Por que existe desmotivação por parte dos alunos nas aulas de LI?

Sabendo da falta de interesse dos alunos, adotei em minha prática pedagógica em regência as estratégias de leitura da abordagem do Inglês Instrumental associadas ao gênero discursivo fábulas. Desse modo, objetivei nesse trabalho apresentar um estudo acerca da abordagem Instrumental associada ao gênero fábula para aplicação no ensino de LE, mostrando que é possível trabalhar diferentes estratégias de leitura para desenvolver a habilidade de leitura e compreensão de textos na LI, sem o uso constante do dicionário. Com essa prática é possível despertar nos alunos o interesse pela língua alvo e pela leitura que não seja apenas a nível textual, mas levando-os a refletir sobre as questões discursivas, com intuito de que tomem conhecimento de seus papéis como cidadãos capazes de assumir uma determinada postura discursiva. Assim, a partir da exploração das características de diferentes gêneros na língua alvo, podemos desenvolver a competência linguística dos alunos e a sua capacidade de reflexão crítica e de ação na vida social. Além disso, esse trabalho possibilita o desenvolvimento da autonomia nos alunos, a capacidade de buscar o próprio conhecimento da LE.

Esse estudo faz ainda, uma reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem de línguas, uma vez que, os pontos levantados significam um certo grau de amadurecimento em relação às possíveis escolhas pedagógicas. Este trabalho está ancorado na visão sociointeracional, visando propiciar ao aluno a aprendizagem da língua por meio do seu engajamento discursivo de maneira que o conhecimento da LE possa fazê-lo ter consciência de seu papel no espaço social em que vive.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos. No capítulo I, fundamentação teórica, apresentando os aportes teóricos em que esta ancorada a pesquisa: a importância da conscientização dos professores de LI no processo de formação continuada, com base nos pressupostos de Maciotto e Souza (2010), Góes e Matsubara (2010, p.46), Paiva (2007), Marcelo (2010, p.280), entre outros, que discutem que a jornada em busca do conhecimento é

contínua e interminável. Por isso, o professor necessita sempre estar restaurando seus métodos de ensino, refletindo constantemente sobre sua ação. Reflito ainda, sobre os benefícios da tecnologia no ensino de LE, me apoiando nos autores Santos, Scarabotto e Matos (2011), Marcelo (2010, p.280), OCNs (2006), Xavier (s/d), Kadri, Gamero, Gimenez (2012), mostrando a relevância das TICs no ensino/aprendizagem de LE. Também discuto o uso dos gêneros discursivos no ensino/aprendizagem de LI, me embasando nos autores Abreu-Tardelli (2007), Costa (2008), Rossi (2008) e nos PCNs (1998). Comento ainda, a importância da fábula como gênero educativo no ensino de LI. Faço também, uma reflexão sobre a importância da leitura, expondo que a leitura promove o desenvolvimento de várias competências, além de ampliar a visão de mundo dos indivíduos, aumentando a produção cultural da humanidade. Para isso, busco suporte teórico nos autores Leffa (1999) e Coracini (1995). E por fim, faço uma pequena explanação das estratégias de leitura e seu surgimento, além de identificar algumas estratégias de leitura que podem ser usadas na compreensão de textos em língua materna e LE, uso como alicerce os teóricos, Germanovix (S/D), PCNs (2002), Santos (2011) e Pinto (2012).

No capítulo II, apresento minha metodologia de pesquisa, de maneira que descrevo minha escolha metodológica. No Capítulo III, discuto a importância do uso do inglês instrumental associado ao gênero fábula no ensino de LI. E por fim, faço uma reflexão dos resultados adquiridos.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em sete subtítulos, sendo que no primeiro subtítulo trato da importância da conscientização dos professores de Língua Inglesa no processo de formação continuada. Já no segundo subtítulo discuto os benefícios da tecnologia no ensino de LE. No terceiro subtítulo faço uma reflexão sobre o uso dos gêneros discursivos no ensino de língua Inglesa. E no quarto subtítulo comento a importância da fábula como gênero educativo no ensino de língua inglesa. No quinto subtítulo, faço uma reflexão sobre a importância da leitura. Faço ainda, no sexto subtítulo uma pequena explanação das estratégias de leitura e seu surgimento. E por fim, no sétimo subtítulo identifico algumas estratégias de leitura que podem ser utilizadas na compreensão de textos em língua materna e LE.

1. 1. A importância da conscientização dos professores de Língua Inglesa no processo de formação continuada

Observamos que nas últimas décadas, a educação, vem passando por grandes transformações. Dessa forma, a formação continuada de professores deve ser permeada por uma nova cultura de aprender e ensinar que possibilite o surgimento de novos valores, de forma que os professores adotem novas identidades, buscando assim melhorar sua prática pedagógica. Logo o profissional necessita passar pelo processo de reculturação, pois nossa sociedade vive a era da informação e do conhecimento. Esse novo cenário exige uma modificação no trabalho diário do docente. Fullan (1996, p.422 apud MARCELO p.276) define a reculturação como “[...] o processo de desenvolvimento de novos valores, crenças e normas que envolvem a construção de novas percepções de instrução e novas formas de profissionalismo para os professores.”

O ensino tradicional adquirido na formação de muitos professores não atende as novas demandas da educação. O contexto sócio-histórico que perpassa na atualidade é regido pela tecnologia. O professor não deve desanimar diante desse novo contexto, pelo contrário, esse profissional deve encarar esse desconhecido, para que novas práticas de ensino e aprendizagem de LE sejam reconstruídas.

De acordo com Maciotto e Souza (2010) alguns fatores como: superlotação das salas de aula, repetição de conteúdos de um ano para o outro, ausência de um projeto político pedagógico eficaz, o não comprometimento do docente com sua formação, a falta de

valorização do ensino de LE pelos grupos escolares, dentre outros, são fatores que “*Cimentam as práticas sociais escolares, obstando, muitas vezes, a implantação de qualquer mudança.*” (p.72). Essas autoras ainda completam que essa alienação docente deve ser combatida por meio de reflexões e ações de emancipação.

Sabemos que com o término da faculdade, nós professores, necessitamos continuar nos qualificando, buscando metodologias que complementem nossa prática. Ser professor é ser sempre um pesquisador. Segundo Dutra e Melo (2004, p. 31 apud BARBOZA, 2009, p.22)

A reflexão só emerge na vida de um professor, no nosso caso de línguas estrangeiras, quando há uma abertura para entendê-lo como profissional em constante desenvolvimento e formação. Assim, a formação completa de um professor não acontece somente durante o período da graduação, mas é um processo contínuo de aprendizagem. (DUTRA E MELLO, 2004, P. 31 APUD BARBOZA, 2009, P.22)

Dessa forma, a disciplina Linguística Aplicada (LA) almeja colaborar com estudos relacionados ao uso da língua, apresentando possibilidades teóricas e práticas aos docentes, bem como discutindo as políticas que estão relacionadas aos problemas inerentes a linguagem, e sua ligação com o contexto social. A Linguística Aplicada visa buscar através de pesquisas, formas para melhorar as condições de aprendizagem e ensino de línguas estrangeiras e de língua materna. De acordo Lopes (1996 apud BARBOZA 2009),

A LA é entendida aqui como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista. (LOPES, 1996, p.22-23, APUD BARBOZA, 2009, p.20)

O profissional de LI deve transformar a sala de aula em um ambiente propício para aprendizagem, assim ele pode abordar diversas temáticas com intuito de que haja a interação entre os alunos, de maneira que eles vão compartilhando experiências e construindo novos conhecimentos. Para que esse ambiente se torne realidade o professor deve refletir sempre sobre sua prática de ensino selecionando conteúdos que encaixem nos objetivos propostos, conforme as necessidades dos seus alunos. Segundo Góes e Matsubara (2010, p.46), o

professor deve pensar “O que ensina, quando e como ensina, porque ensina o que ensina da forma como faz.”

Entendemos que a educação é ponto de partida para a transformação e reconstrução da sociedade, haja vista que, devemos ir além dos discursos críticos, desenvolvendo reflexões teóricas, pedagógicas e educacionais, que possam garantir uma educação mais humanizada e que possa levar os alunos a refletirem, auxiliando-os a criar uma nova realidade. Devemos pensar a educação, a cidadania e a sociedade como um todo, pois o professor de LE deve extrapolar os limites da sala de aula fazendo com que o aluno transporte a aprendizagem adquirida no ambiente escolar para o mundo lá fora.

Para que essas transformações se concretizem, os docentes precisam adquirir um bom repertório de leitura, dialogar com outros docentes a respeito de sua prática, adotar uma postura crítica em relação a sua ação, além de transmitir para seus alunos o gosto pela disciplina de LE, criando aulas mais dinâmicas, proporcionando a troca de conhecimento entre aluno/professor. Esses fatores são fundamentais para um ensino mais satisfatório, pois educar não é somente ensinar, mas delinear circunstâncias de aprendizagem nas quais todos os aprendizes sejam capazes de despertar suas próprias experiências. Assim, a escola não deve ser idealizada apenas como uma instituição repassadora de conhecimentos prontos, mas um espaço propício para aprendizagem, levando sempre em consideração o conhecimento dos discentes.

Segundo Góes e Matsubara (2010), os docentes precisam adotar uma postura mais libertadora, de modo que a educação una as diferentes áreas do saber, visando à construção da cidadania no espaço escolar, pois “Enquanto o professor não vencer a timidez, não assumir o microfone e deixar sua voz torna-se conhecida ocupando o espaço e o tempo que são seus por direito, outros protagonistas o farão.” (p. 45). O professor deve enfrentar as transformações que decorre no meio social, criando ações significativas, sabemos que toda mudança causa estranhamento, isto é, certa insegurança e muitos de nós resistimos a tais mudanças, pois estamos habituados com o tradicional e temos medo de encarar o novo. Mas, todas as transformações são inerentes à evolução humana, necessitamos mudar para experimentar acontecimentos novos, além de acompanhar os avanços tecnológicos que perpassam no contexto em que vivemos.

De acordo com Morin (2000, p.20 apud OCNs 2006, p.88) “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.” Dessa maneira, ser um bom educador é ser um ser pensante que projeta todos os dias em sua

mente as reais necessidades dos alunos, expondo conteúdos que tenha sentido na vida dos discentes, levando sempre em consideração o saber do educando e proporcionando um ambiente de aprendizagem mais efetiva, assim o docente vai construindo e reconstruindo práticas pedagógicas para que a aprendizagem de LI se torne mais relevante e produtiva.

Observamos que causar notável mudança provoca recriar instrumentos que são decorrentes dos processos de transformação. Esses processos de transformação ainda estão muito distantes de algumas escolas brasileiras, pois o ensino de LE na maioria das vezes é baseado na tradução e nas regras gramaticais, em que o professor é posto como o dono do saber e o aluno como um recipiente em que agrega todas as informações direcionadas a ele. Paiva (2007) pontua que na maioria das vezes a sala de aula:

Não oferece atividades de uso da língua, mas apenas exercícios sobre determinados itens gramaticais onde a língua é tratada de forma artificial ou, ainda, a tradução de textos escolhidos pelo professor e que nem sempre são de interesse do aluno. As frases soltas em exercícios do tipo “passe para negativa ou para o plural” não constituem enunciados na vida real. (PAIVA, 2007, p.33)

Enfatizamos que esse ensino não surte mais efeito se for ensinado isoladamente, trabalhar com a gramática, implica trabalhar de forma contextualizada para que o aluno possa compreender os sentidos existentes, leva-os a refletir sobre as questões discursivas, com intuito de que tomem conhecimento de seus papéis como cidadãos capazes de assumir uma determinada postura discursiva. Com isso, observamos que a formação acadêmica do professor deveria contemplar esse tipo de prática pedagógica.

É certo que a formação do professor não se completa com o término da faculdade, pois a jornada em busca do conhecimento é contínua e interminável. Por isso, o professor necessita sempre estar restaurando seus métodos de ensino, através de cursos de especialização e pós-graduação. Segundo Marciotto e Ribeiro (2010), muitas práticas de ensino aplicadas nas salas de aula seguem todos os dias o mesmo caminho, desse modo, as autoras comparam esse ensino ao mito do Sísifo. Conforme a lenda, Sísifo foi submetido a executar um serviço inútil e interminável que consistia em empurrar uma pedra até o topo de uma montanha onde ela caía e novamente esse percurso se repetia.

Uma das possíveis representações é um trabalho rotineiro sem perspectiva de mudança, ou seja, monótono. O Professor deve ser mais ativo em sala de aula, buscando novos saberes que possam contribuir para sua prática em sala de aula, adotando métodos

atualizados, rompendo assim, com os velhos hábitos de modo que abra espaço para a inovação e motive seus alunos a aprenderem a língua alvo.

1.2 Os benefícios da tecnologia no ensino de LE

O mundo contemporâneo em que vivemos neste momento da história esta marcado por mudanças surgidas no contexto sociopolítico, econômico e cultural. Estamos cercados pelos avanços na comunicação, na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Podemos presenciar que as culturas, as sociedades, bem como, as próprias religiões que sempre foram fechadas em si mesmas e em seus princípios estão se transformando. A escola não pode ficar excluída de viver essa realidade, é relevante inserir as TICs (tecnologias da comunicação e da informação), possibilitando a inclusão digital dos alunos por meio do processo de ensino e aprendizagem. Para Almeida (2000, p.09 apud TEZANI, 2011, p. 41), as tecnologias possibilitam a ascensão ao universo do conhecimento e da informação desenvolvendo assim, outros modos de reprodução e compreensão do pensamento. Ele enfatiza que:

As vertiginosas evoluções sócio-culturais e tecnológicas do mundo atual geram incessantes mudanças nas organizações e no pensamento humano e revelam um novo universo no cotidiano das pessoas. Isso exige independência, criatividade e autocritica na obtenção e na seleção de informações, assim como na construção do conhecimento. (ALMEIDA 2000, P.09 APUD TEZANI, 2011, P. 09)

A utilização das TICs, mais especificamente a internet, proporciona aos docentes possibilidades de encontrar formas mais produtivas e viáveis de integrar os recursos digitais no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo competências e habilidades pessoais que envolvem ações de comunicação, rapidez na busca de informações, e até mesmo autonomia, desenvolvendo as possibilidades de inclusão na sociedade da informação e do conhecimento. Deste modo, o profissional necessita refletir de que forma poderá utilizar as tecnologias na sua ação pedagógica.

De acordo com Matos, Santos e Scarabotto (2011), os *nativos digitais* são as pessoas que nasceram após os anos 80 e possuem habilidades para utilizar as tecnologias digitais. Observamos que esses nativos são as crianças e jovens que encontramos hoje nas escolas, que

estão cada vez mais ligados nas TICs, eles compartilham uma cultura comum no mundo digital de maneira que passam a maior parte do tempo em sites de bate papo, blogs e jogos online, buscando novas informações e novidades para compartilhar entre si. Segundo os autores os *imigrantes digitais* são as pessoas que nasceram antes da década de 80 e tiveram que aprender a lidar com essa ferramenta digital em um determinado momento de sua vida. Notamos que o modo de aprender do imigrante é diferente do nativo, pois os imigrantes nasceram em uma época não dominada pela tecnologia digital, sua forma de aprender foram outras, para os autores (idem, p. 10) “Os imigrantes aprendem de formar linear (começo, meio e fim). Já os nativos, por causa do uso constante da internet e da navegação pelos hipertextos, aprendem de forma não linear.” Assim se torna necessário o professor repensar sua prática adotando metodologias que tenha significado na vida dos educandos, já que a forma tradicional de ensino não surte mais efeito na aprendizagem dos alunos.

Essa ferramenta digital mudou nossos modos de trabalhar e aprender. Observamos que no ambiente escolar, muitos professores defendem a importância de se trabalhar com a tecnologia em sala, porém, alguns a ignoram com medo dessa ferramenta tão complexa. A resistência por parte de alguns docentes e o fato de ter que expor para seus alunos que não sabem lidar com essa máquina, despertando o medo de perder o controle sobre sua aula e acabam optando por trabalharem com sua forma tradicional de ensino. Alguns docentes precisam perder essa insegurança para que consigam juntamente com seus alunos experimentar novas práticas de ensino, voltadas para as tecnologias.

Ressaltamos que a educação brasileira necessita passar por uma reorganização didática, pedagógica e curricular. De acordo com Fullan (1996, p.10 apud MARCELO 2010, p. 280) o professor necessita desenvolver “Novas crenças e entendimento sobre as mudanças que se operam na atualidade, pois envolvem processos de refazer e repensar nossas práticas pedagógicas, à luz dessas novas tecnologias envolvendo uma *cultura de trabalho colaborativo*”. Muitas de nossas crianças já chegam à escola digitalmente alfabetizada, por isso os docentes precisam se conscientizar da importância do uso da tecnologia em sua prática, pois trabalhar com essa ferramenta implica criar um leque ilimitado de recursos pedagógico.

Percebemos que o mundo evolui muito rápido, enquanto as práticas pedagógicas regidas nas escolas continuam estagnadas no tempo, ou seja, muito distante da realidade vivida pelos educandos. Entendemos que a escola deve se tornar um espaço de resignificação da informação e do conhecimento, o conteúdo tem que ter significado nas experiências do dia-a-dia do aluno. É importante que o professor reflita acerca de suas ações, de modo que possa

adaptar sua prática de ensino às mudanças que perpassam na atualidade, isto é, criando e recriando novas práticas pedagógicas sobre a ótica das TICs, Marcelo afirma que (2010, p.280) “A escola precisa se reculturar, reestruturar-se para que possa focalizar a aprendizagem dos alunos, associando os conhecimentos trazidos pelos estudantes com os conteúdos disponibilizados por ela.”

Observamos o desenvolvimento de diferentes TICs: rádio, telefone, televisão, videocassete, DVD, computadores, redes de telecomunicação, internet. Estes instrumentos tecnológicos têm provocado diversas transformações no mundo contemporâneo. Essa globalização trouxe mudanças significativas em nossas vidas, através de um clique conseguimos obter informações em tempo real. O computador nós fornece meios para armazenarmos diversas informações, além de compactar o mundo todo por meio da internet.

Ressaltamos ainda, que o professor tem que ter responsabilidade, criatividade, criticidade e acima de tudo estar fundamentado em concepções de língua/linguagem e de ensino e aprendizagem que favoreçam uma prática pedagógica mais bem sucedida, dessa forma, é relevante contemplar uma visão Sociointeracionista e discursiva no processo de ensino e aprendizagem de LI, haja vista que, essas concepções enfocam o discurso/interação como sendo ponto de partida para construção do conhecimento, de modo que possibilita termos consciência de como empregamos a linguagem na construção da vida social. Dessa forma, seria interessante o professor trabalhar com essas visões, além de inserir as TICs em sua ação, proporcionando assim, os alunos a construir e difundir seus conhecimentos, tornando-os autônomos e proporcionando condições de aprendizagem por meio das ferramentas computacionais. Ao utilizar as ferramentas da informática, o professor poderá usar os diversos recursos disponíveis para a prática da comunicação escrita e oral em LI, a fim de tornar o ensino mais prazeroso e mais significativo, o que proporcionará uma maior aquisição da língua alvo.

Os diversos conteúdos disponíveis em sites da web podem auxiliar o professor em sua prática, como por exemplo: *blogs, youtube, hipertextos, webquests, emails, chats* entre outros. Ao utilizar as TICs nas aulas, os docentes podem abordar temáticas que promovam mais o diálogo, a reflexão e a cooperação, proporcionando maior desenvolvimento intelectual dos alunos. Segundo Gamero, Gimenez e Kadri, (2012, p.02) esse é o desafio dos profissionais da educação “Propor experiências que poderão contribuir para novas compreensões sobre língua(gem) e como estas poderão criar oportunidades de aprendizagem para os cidadãos em um mundo tecnologicamente mediado.”

A tecnologia tem transformado as relações do homem com o mundo, a sociedade esta cercada por instrumentos tecnológicos e os alunos necessitam estar preparados para uma leitura crítica das mudanças que acontecem em escala mundial. Dessa forma, identificamos o letramento digital, como sendo, o contato que temos com a língua escrita nos ambientes digitais em que ela acontece, e podem ser tanto nas práticas de leitura como de escrita. Para Xavier (s/d, p.01) o nosso papel enquanto profissionais da educação “É letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação.”

Segundo Xavier (s/d) algumas pessoas mesmo sendo alfabetizadas e letradas, isto é, possuindo o domínio da tecnologia da leitura e da escrita e ainda fazendo o uso das regalias totais do letramento, “[...] seja ainda um *analfabeto* ou *iletrado digital*.”(p. 02). Dessa forma, o professor tem que buscar conhecer esse mundo digital, de maneira que aprenda a usar essa tecnologia em sua ação, ensinando os alunos a fazer pesquisas na internet, ou seja, estimulando eles a localizar informações, bem como, selecionando, filtrando e avaliando os conteúdos disponibilizados digitalmente. Esse autor ainda completa que ser *letrado digital* implica admitir alterações “[...] nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.” (p.02).

Atualmente, as crianças chegam à escola para serem alfabetizadas, mas na maioria das vezes, essas crianças já dominam a alfabetização digital. Dessa forma, o docente precisa conhecer as novas formas de aprender, ensinar, produzir, comunicar e reconstruir conhecimentos. É sabido que o letramento digital comporta inúmeras variedades tanto na escrita como na língua oral e cada uma apresenta peculiaridades. Segundo Barton (1998, p.09 apud XAVIER, S/D, p.04),

Letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, **há diferentes Letramentos**. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser considerados diferentes letramentos, como letramento fílmico e **letramento computacional**. (BARTON 1998, P.09 APUD XAVIER, S/D, P.04)

Observamos ainda, que a língua é uma instituição social, aliás, as transformações que ela perpassa são o resultado da ação coletiva dos membros de uma comunidade de fala, essas mudanças ocorrem devido ao meio cultural, político e social em que a sociedade está integrada. Além disso, a língua varia de acordo com os papéis sociais em que cada falante assume, ou seja, são definidos a partir das normas socioculturais. É justamente essa variação recorrente na escrita e na fala, que temos o surgimento dos diversos gêneros. De acordo com o OCNs (2006), há várias formas de prática específica de letramento:

Assim, no caso do uso de livros por pais e filhos de classes sociais mais favorecidas, pode-se dizer que esses pais constituem uma “comunidade de prática” específica de letramento. Outro exemplo é o uso da linguagem por grupos profissionais específicos, como o uso de termos vindos da língua inglesa por técnicos e especialistas em informática no Brasil. Ainda outro exemplo é o emprego da linguagem específica à comunicação mediada pelo computador, como salas de bate-papo, MSN Messenger (programa que promove intercomunicação entre usuários) e Orkut (uma comunidade virtual de amizades). Cada uma dessas “comunidades de prática” adapta, organiza e produz um conjunto específico de usos de linguagem, de valores e crenças que a distingue de outros grupos. (OCNs, 2006, p. 103)

Portanto, a aquisição do *letramento digital* se torna uma necessidade educacional por parte do profissional. A rede com suas múltiplas mídias exigem que o docente tenha o conhecimento razoável em informática, além de procurar conhecer os vários gêneros digitais existentes, bem como, saber adequar esses em suas práticas pedagógicas. Para que consiga desenvolver a competência linguística dos alunos e a sua capacidade de reflexão crítica e de ação na vida social, a partir de diferentes gêneros na língua alvo.

1.3 Os gêneros Discursivos: no ensino aprendizagem de língua inglesa

Nossa sociedade hoje é cercada por meios de comunicação que exercem forte influência sobre a interação entre as pessoas, principalmente sobre os jovens, que utilizam diversos gêneros na comunicação diária, inclusive os digitais. Dessa forma, é relevante inserir os gêneros discursivos no ensino aprendizagem de LI, por meio da utilização desses gêneros como instrumentos de ensino, o professor pode colaborar mais para a aprendizagem da língua alvo, bem como para a formação de leitores hábeis e críticos. Segundo Marcuschi (2006, p.25 apud COSTA, 2008, p. 02), “[...] quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva em uma cultura e não um simples modo de produção textual

[...].” Haja vista, que é uma forma de desenvolver a consciência da cidadania, através de uma leitura crítica, proporcionando aos discentes subsídios eficazes para torná-los leitores críticos, que sejam capazes de se posicionar diante do mundo que os rodeia.

De acordo com Abreu-Tardelli (2007), os diversos gêneros textuais presentes em nossa sociedade são formas mais ou menos estáveis de enunciados, que usamos em nosso cotidiano para nós comunicarmos e agirmos em sociedade, ou seja, os vários gêneros existentes em nossa sociedade “[...] se organizam através de diferentes textos.”(p.01).

Para Rojo(2000 apud LOPES – ROSSI 2008, p.53), o gênero discursivo “É toda produção de linguagem (enunciado) oral e escrito.”Este autor ainda completa que todos os gêneros discursivos são “[...] identificados e nomeados” pelos sujeitos envolvidos na interação. Isso ocorre por meio do “Propósito comunicativo suas características relativamente estáveis (alguns podem apresentar pouca estabilidade), suas condições de produção e de circulação.” (p.53,54). Assim, toda prática discursiva que usamos para nos comunicarmos com nossos semelhantes por meio da linguagem, de alguma forma agrega algum gênero discursivo.

Entendemos que seja importante que os professores de LE inserisse em sua prática o trabalho com os gêneros discursivos, de modo que o docente explore as características do gênero estudado, isto é, o contexto de produção, para quem são escritas, onde e quando o texto foi publicado, para quem o texto se dirige, qual é o ponto de vista do autor. Desenvolvendo nos alunos, as competências linguísticas, bem como, sua capacidade de reflexão crítica e de ação na vida social, despertando nos educandos o interesse pela língua através da leitura, assim os aprendizes poderão refletir sobre as questões discursivas e sobre seus papéis como cidadãos capazes de assumir uma determinada postura discursiva. Enfatizamos ainda que a concepção de ensino discursiva pode contribuir para uma aprendizagem efetiva em LI, com isso, o docente estará propiciando o trabalho real com a língua de modo que os diversos gêneros existentes em nossa sociedade podem contribuir para aprendizagem de LI. Dessa forma, o professor deve mostrar para os alunos que no momento da leitura e da produção de um texto, acionamos algumas capacidades de linguagem, além disso, o trabalho com essas capacidades tornará o ensino de LI mais produtivo. Abreu-Tardelli (2007) define essas capacidades como sendo: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguísticas-discursivas.

A capacidade de ação é acionada no momento em que tentamos identificar o gênero em questão, por exemplo: um texto poético, um artigo de opinião, uma carta, um bilhete, um anúncio publicitário, uma conversa de pai e filho, uma apresentação oral. Segundo Abreu-

Tardelli (2007, p.04), essas capacidades são identificadas “Na situação de comunicação na qual o texto foi produzido, ou seja, quem produziu, para quem, com que objetivo, onde o texto foi produzido, quando e do que trata.” (p.04). Quando vemos a propaganda de um creme para os primeiros sinais de linha no rosto, mobilizamos nossa capacidade de ação para identificarmos que o texto foi elaborado em uma agência publicitária ou por uma equipe, para um público feminino, com faixa etária acima de 25 anos, a classe econômica vai depender do anúncio e o intuito da propaganda é vender o produto.

Já as capacidades discursivas é a forma como o texto está organizado. Desta forma, como enfatiza a autora, quando um cliente compra um produto e não fica feliz com os resultados apresentados neste produto, o primeiro ato é escrever é mencionar por meio de uma mensagem ou carta sua insatisfação pelo produto, esperando que alguma ação seja tomada por parte de quem está lendo a mensagem, ou seja, que o problema seja solucionado. Assim, o aluno sabendo das estruturas linguísticas que poderá empregar em determinado contexto de produção textual, estará desenvolvendo as capacidades discursivas.

E por fim, temos as capacidades linguísticas – discursivas, que de acordo com Abreu-Tardelli (2007, p.04), referem-se aos usos adequados que fazemos dos “[...] vocabulários, adjetivos, frases nominais, estruturas linguísticas para o contexto de produção do gênero em questão.” Podemos exemplificar a partir da carta formal que exige o uso específico das formas linguísticas. Portanto, o trabalho com os gêneros em sala possibilita aos alunos identificar os diversos gêneros, bem como, conhecer a sua organização.

Vale ressaltar que, além dos gêneros discursivos temos os gêneros digitais, como o gênero *Blog*, *WebQuest*, *chat*, *sites de relacionamentos*, entre outros, que podem instrumentalizar o ensino de leitura e escrita em LI. Dessa forma, a aplicação dos gêneros discursivos na ação do professor possibilitará o contato dos alunos com os aspectos culturais da língua alvo. Assim, estes estarão construindo e reconstruindo seu conhecimento por meio dos vários gêneros, discursivos e digitais.

Tendo em vista o sucesso do ensino aprendizagem, entendemos que a concepção teórica colocada nos PCNs (1998), de que “A aprendizagem é de natureza sociointeracional, pois aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional.” (Brasil, 1998, p.57). É a mais adequada para fundamentar a prática pedagógica nas aulas de LI. Pensamos que a visão interacionista de linguagem pode trazer grandes resultados no ensino de LE nas escolas, por possibilitar maior interação entre os sujeitos, além de valorizar muito a comunicação entre os aprendizes.

Consideramos ser de suma importância, que a linguagem seja vista como interação social, pois assim, estaremos valorizando a função básica da fala que é a comunicação. Além disso, é relevante contemplar uma visão sociointeracional do processo de ensino aprendizagem de LI. Essas concepções que dão ênfase ao discurso/interação como espaço de construção do conhecimento e à consciência de como usamos a linguagem na construção da vida social, poderão propiciar ao aluno a aprendizagem da língua por meio do seu engajamento discursivo de maneira que o conhecimento da LE possa fazê-lo ter consciência de seu papel no espaço social em que vive. Esse é um dos papéis principais da aprendizagem de uma LE.

1.4 A fábula como gênero educativo no ensino de Língua Inglesa

A palavra “fábula” deriva do verbo latim *fabulare*, que quer dizer “conversar” ou “narrar”. As fábulas são histórias encontradas no antigo Egito e na Índia que se tornaram conhecidas no Ocidente por intermédio dos gregos. As fábulas transmitem lições morais de grande simplicidade, e nelas os animais têm características humanas.

Um dos fabulistas mais conhecidos é Esopo, supostamente um escravo grego do século VI a.C., que teria nascido na Frígia. Apesar de não sabermos ao certo se Esopo realmente existiu, o fato é que foi ele quem consagrou o gênero. Suas fábulas costumam ser curtas e bem humoradas, transmitidas em linguagem simples e oferecem mensagens relativas ao comportamento cotidiano do ser humano.

As fábulas têm foco narrativo em terceira pessoa, tempo e espaço imprecisos e contam com a presença predominante de sequências conversacionais. O gênero fábula não estabelece o tempo nem um lugar específico, sendo assim, ela pode ser usada em qualquer tempo e lugar, por isso, surgem nesses textos expressões como “um dia”, “certo dia”, “era uma vez”, “depois”, “no dia/manhã seguinte”.

Observamos que as fábulas exibem uma apresentação do contexto da situação, logo em seguida temos a ação, ou seja, um conflito que envolve os personagens, e no desenlace o conflito é resolvido. Sempre no final da fábula encontramos a “moral da história”, o que as torna um texto valioso para aproximar os alunos de modos de vida, de comportamentos e de maneiras de pensar que marcam diferentes povos em distintos momentos históricos.

O gênero fábula, como sabemos, faz parte de nossa vida desde a antiguidade, e as narrativas contadas nesses textos acompanham gerações. Isso tudo através da memória dos

fabulistas, que narram histórias que prendem a atenção do público infanto-juvenil e até mesmo dos adultos.

Devemos ensinar nossos alunos a ter o gosto pela leitura, dessa forma, consideramos o texto fábula como ferramenta importante para aguçar no aluno o desejo de querer aprender e querer vivenciar novos conhecimentos na língua alvo. Trabalhar em sala com este gênero proporciona aos discentes conhecer situações e problemas, além de apresentar normas de moral que contribuem para aprender a lidar com as dificuldades do cotidiano.

Estamos vivendo em um mundo globalizado de constantes transformações, em que é preciso desenvolver habilidades para compreender as mudanças complexas presentes no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a leitura é uma habilidade importante e fundamental para o desenvolvimento do ser humano, pois é através dela que o sujeito tem a oportunidade de adquirir mais conhecimento e cultura. Portanto, se faz necessário refletirmos a respeito de que o ato de ler não é apenas identificar o objeto da leitura, mas conhecer a liberdade e o prazer no momento da leitura, desenvolverá capacidade de compreender as entrelinhas, transportar suas próprias experiências e refletir a partir delas.

Dessa forma, o professor pode usar o gênero discursivo fábula em suas aulas, de maneira, que faça questionamentos e reflexões que motivem a participação ativa dos aprendizes no momento da construção de sentidos do texto. Assim, os alunos despertarão sua imaginação e, ao mesmo tempo, expondo suas opiniões, aprendendo a serem críticos.

O caráter educativo da fábula se define pela junção da ficção com a gama de informação contida nestes textos. Ao explorar essas informações, o professor pode criar um ambiente propício para descobertas de novas experiências, além disso, os personagens das fábulas são “animais” que representam as altitudes do homem, assim, o imaginário dos educandos é acionado logo no início da leitura. Temos também, as lições que eles podem tirar de cada história, dialogando com os demais alunos.

O professor é fator chave na busca de uma sociedade mais digna, pois sua prática não se restringe a ensinar, mas também, pode aflorar nos estudantes a conscientização dos seus atos, pois os fatos que ocorrem nestas histórias são justamente nossas atitudes, por isso vemos o poder de humanização que a fábula tem, fazendo com que sejamos tolerantes perante nossos semelhantes, só assim, conseguiremos construir uma sociedade mais justa, solidária e honesta. No mundo tão conturbado de hoje, essas características devem ser reforçadas em sala, de modo que o professor crie um ambiente de reflexão, mostrando para os educandos que devemos respeitar o outro, e acima de tudo respeitar suas diferenças.

1.5. A importância da leitura

Vivemos em uma sociedade cercada pela informação e pelo conhecimento, e utilizamos constantemente a habilidade de leitura para compreendermos o mundo que nos cerca. A criança logo nos seus primeiros anos de vida entra em contato com a leitura do mundo, mesmo não conhecendo as letras, frases ou expressões, eles vão aos poucos fazendo a leitura de tudo que está a sua volta. Sabemos que essa é uma das características do ser humano, querer conhecer e interpretar o mundo. Assim, se estamos em casa, no trabalho, ou até mesmo passeando pelas ruas, acionamos a capacidade de leitura, ou seja, em todos os lugares que habitamos fazemos o uso da leitura, por exemplo: em casa usamos a leitura para ler uma receita de bolo, uma bula de remédio, montar um eletrodoméstico, um recado deixando pela mãe na porta da geladeira, correspondências que chegam, ao lermos um jornal, livros ou revistas, ao assistirmos TV e quando acessamos a internet etc. Quando estamos na rua lemos as placas, as propagandas e promoções expostas nas vitrines, no restaurante ao lermos o cardápio, entre outras. Portanto, a leitura é uma prática imprescindível em inúmeras atividades do nosso dia a dia.

A partir do momento em que as pessoas começam a interagir com os diversos textos expostos em nossa sociedade, observamos que há uma aproximação desses sujeitos com as diversas produções culturais, de modo que o leitor enriquece seu conhecimento a cada leitura realizada, além de aumentar sua percepção crítica, expressando melhor às suas reais necessidades.

Segundo Leffa (1999), temos três tipos básicos no processamento da informação durante a leitura, que são: bottom – up: ascendente – dependente do texto, Top-down: descendente – dependente do leitor e, finalmente, uma vertente voltada para o contexto social, em que a leitura é vista como um fenômeno social. Logo abaixo explicitaremos essas vertentes pontuando separadamente as particularidades de cada uma:

Bottom – up - ascendente: Na visão textual, o texto e as informações contidas nesses é que possibilita o entendimento dos indivíduos, assim o conteúdo não está no leitor e muito menos no meio social, mas no próprio texto. O significado construído não está ligado entre o leitor e texto, logo o leitor não tem voz para atribuir significado no texto. Nesta vertente ler é extrair significado. A partir dos itens linguísticos já reconhecidos dentro do texto o leitor pode retornar e descobrir o significado de outros que não são conhecidos. Entendemos que o leitor seria então um recipiente que agrega um saber que se encontra presente no texto, isso quer dizer que essa unidade precisa ser adquirida para construir o sentido.

Top-down - descendente: Enquanto a primeira vertente constitui a perspectiva textual em que o sentido está contido no texto, em contra partida, a perspectiva descendente depende do leitor, sendo este fonte de sentido. O leitor confronta os dados expostos no texto com os disponíveis em sua memória, selecionando acontecimentos importantes que podem auxiliá-lo a compreender os sentidos presentes no texto. Além disso, nessa vertente, Leffa (1999) afirma que, não devemos apontar um sentido novo, mas mostrar para os alunos que os sentidos são construídos a partir dos sentidos já existentes na memória do leitor, ou seja, esse leitor, de alguma forma, já tem em sua memória o sentido previamente construído. Nesta mesma linha de pensamento, Coracini (1995, p.32) pontua que “Caberia ao professor colaborar para que o aluno-adolescente seja capaz de perceber que todo o texto resulta de uma infinidade de outros textos assim como o sujeito se constitui de uma infinidade de outros sujeitos.”

A outra visão de leitura exposta por Leffa (1999) é vista como um fenômeno social. Desse modo, a leitura deixa de ser uma prática individual e passa a ser um comportamento social, pois nessa perspectiva o significado está ligado entre texto-leitor, leitor-autor e o contexto de interação social que acontece no momento da leitura.

Consideramos ser de suma importância que o professor desenvolva em sala o processo de interação entre leitor e texto, leitor e autor, além disso, para obter uma leitura fluente e precisa, essas vertentes não devem ser trabalhadas isoladamente, mas sim, unidas. Para Leffa (1999, p.19) quando ocorre a interação, “As pessoas mudam e ao mudar, mudam a sociedade em que estão inseridas.” Desse modo, o uso da interação em sala proporciona a criação de alunos-leitores mais reflexivos e críticos.

O ato de ler permite que o leitor construa em sua mente os significados existentes no texto. A leitura possibilita aos indivíduos renovar seus conceitos, além de participar ativamente no meio social. De acordo com Leffa (1999), no momento da leitura o leitor aciona seu conhecimento prévio de mundo, conhecimento linguístico, ou até mesmo, o leitor e os demais leitores. Ele ainda afirma que:

No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo. (1999, p.03)

Deste modo, ler é percorrer marcas deixadas pelo autor, de forma que consiga entender e compreender as ideias e intenções, que estão expostas nas estrelinhas do texto. Segundo

Coracini (1995, p.14), “O bom leitor é aquele que é capaz de percorrer as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação de suas idéias e intenções.”

O leitor ainda precisa saber lidar com a gama de informação que está a sua disposição, ou seja, filtrando de forma precisa as informações que realmente necessita, escolhendo leituras que possam desenvolver algum significado, pois a leitura deve ser dinâmica e prazerosa, promovendo no aluno uma forma criativa de inventar, isto é, de promover o aprendizado.

A leitura pode promover o desenvolvimento de várias competências, além de ampliar a visão de mundo dos indivíduos, aumentando assim, a produção cultural da humanidade. Logo, o gosto e o encantamento pela leitura precisam ser cultivados, estimulados e exercitados. Para Leffa (1999, p.22), o ato de “Ler é um verbo de valência múltipla: não se lê apenas adverbialmente, mas também direta e indiretamente, de modo acusativo e ablativo. Isto é, o leitor não lê apenas muito ou pouco; ele lê algo com alguém e para alguém.”

1.6 As estratégias de leitura e seu surgimento

O surgimento do ensino de línguas estrangeiras para fins específicos– *English for Specific Purpose (ESP)*, não é recente, surgiu nos anos 60. Tem por finalidade capacitar o aluno na habilidade de leitura em um curto espaço de tempo, além de atender suas necessidades acadêmicas ou profissionais no espaço em que a interação é fator preponderante. Observamos que a prática de leitura no processo de ensino aprendizagem de LE, tem caminhado por diferentes vertentes metodológicas. No final da década de 40, essa prática era fundamentada no método do ensino da gramática e da tradução. Com a Segunda Guerra Mundial, os soldados americanos que iam para os campos de batalha necessitavam aprender e compreender a língua européia, dessa forma, criou-se o método áudio-lingual, baseado nas teorias behavioristas da época, assim, os soldados aprendiam essa língua em curto prazo.

Com o desenvolvimento científico, técnico e econômico instituiu-se um mundo padronizado, globalizado, isso gerou uma procura por uma língua internacional. Dessa forma, os Estados Unidos com seu poder econômico no mundo pós-guerra, fez com que o inglês assumisse esse papel. A partir daí, surgem novos aprendizes com objetivos e necessidades para aprender a língua alvo. Principalmente comerciantes que necessitavam aprender a língua para venderem seus produtos, mecânicos que careciam dessa língua para ler manuais, os

médicos que necessitavam ficar atualizados das novas pesquisas que surgiam e os estudantes que precisavam acessar materiais, tais como: livros e periódicos, em inglês. No final da década de 70, a abordagem comunicativa se estabilizou através de novos valores educacionais, aumentando o número de publicações de materiais didáticos e manuais para professores.

No Brasil essas estratégias de leitura são inseridas na abordagem do Inglês Instrumental, que teve seu início na década 70, por meio do Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras. Com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia, vários textos eram publicados e precisavam ser compreendidos em curto período de tempo, assim as universidades brasileiras passaram a ser convidadas para ministrar cursos de inglês nas áreas de ciência e tecnologia. Porém, essas universidades não estavam preparadas, pois não tinha material específico e nem professores preparados para atuar nessa área. Após constarem que havia uma necessidade urgente de desenvolver a habilidade de leitura, esses dados foram comunicados à coordenadora do Programa em Mestrado em Língua Aplicada da PUC, Antonieta Celani, que na época, logo começou a desenhar o desenvolvimento de um projeto que abarcaria em nível nacional. Com a ajuda do conselho britânico, do Ministério da Educação e de linguistas ingleses e americanos, sob a organização de Cefani, foram desenvolvidas várias pesquisas para situar as necessidades do projeto, os resultados adquiridos comprovaram que o projeto necessitava qualificar os professores, na produção de material e criar centro de recursos em âmbito nacional, que é hoje o CEPRIL – Centro de Pesquisas, Recursos e Informação em Leitura.

A partir disso, a disciplina foi acrescentada no currículo da maioria dos cursos universitários, privilegiando especificamente, a habilidade de leitura no processo de aprendizagem por meio das estratégias de leitura para habilitar os alunos de diversos cursos a ler e compreender textos acadêmicos, de acordo com sua área de atuação. Observamos que essa disciplina vem sendo inserida em escolas técnicas, em cursos preparatórios para vestibular, para concursos públicos e também em cursos preparatórios para candidatos que buscam uma vaga nos cursos de mestrado e doutorado existentes no Brasil.

Os primeiros estudos da língua, como já vimos acima, consideravam o aluno apenas como um agente passivo, em que recebia os conhecimentos prontos e apenas repetia-os. Hoje em dia os estudos focam a abordagem discursiva de ensino de línguas de Bakhtin e o sociointeracionismo de Vigotskiem que o ensino está centrado no aprendiz. Notamos ainda, que o ensino de línguas está em constante transformação, com isso surgem novos horizontes de pesquisas que pretendem satisfazer as necessidades do aluno cada vez mais.

Uma opção que pode ser proveitosa nesse sentido é misturar diferentes linhas metodológicas, por exemplo: o uso da abordagem instrumental associada ao gênero discursivo.

Dessa maneira, a abordagem de ensino de línguas instrumental, Inglês para Fins Específicos, pode ser voltada para a aprendizagem de qualquer língua estrangeira. O objetivo principal dessa abordagem é atender as necessidades específicas dos alunos, logo, o professor precisa identificar o que esse educando necessita saber para poder trabalhar de acordo com a situação. Assim, esse estudante aprenderá estratégias para compreender e utilizar a língua para realizar tarefas específicas em determinadas circunstâncias, além de poder aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos na língua em curto período de tempo.

Como bem sabemos, o uso do gênero discursivo proporciona os alunos a construírem o conhecimento de forma colaborativa, de modo que haja a interação com o outro, além de aprenderem a buscar o conhecimento de forma autônoma. Nessa vertente sócio-interacionista o mediador promove um espaço de diálogo, preparando os alunos a compartilharem ideias, a serem críticos e criativos, que sejam capazes de interagir com o meio social em que vive.

1.7 Identificando algumas estratégias de leitura

Usamos constantemente em nosso dia a dia as estratégias de leitura, por exemplo: Ao lermos jornais ou revistas escolhemos os assuntos que mais nos interessam passando o olho rapidamente. Nesta prática, executamos a leitura rápida que requer do leitor a busca das informações principais. Há também as leituras que requerem mais atenção e cautela, que são exercitadas no momento em que compramos um eletrodoméstico e necessitamos fazer a leitura detalhada do manual para poder montá-lo. Existem ainda, as leituras de textos de autores que precisamos conhecer sua linha de pensamento. Essas exigem uma leitura lenta para que consigamos compreender a essência do texto. Cada leitura exposta acima exige uma estratégia de leitura diferente.

No ato da leitura instrumental o aluno aciona seu conhecimento prévio de mundo e relaciona com as informações contidas no texto, construído assim, os significados para o texto. Além disso, a leitura deve ser vista como um processo de interação entre o leitor e o texto, sendo uma habilidade linguística ideal para aquisição de novas informações, bem como, para a aprendizagem da língua estrangeira. Dessa forma, o hábito de ler por parte do indivíduo possibilita o surgimento de seres pensantes e ativos em sociedade, que podem

expressar melhor suas próprias ideias e pensamentos. Para Kleiman (2002, p.13 apud PINTO, 2012, p. 01,02)

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2002, p.13 APUD PINTO, 2012, P. 01,02)

Consideramos ser de grande relevância contemplar em nossas aulas de LI a abordagem do Inglês Instrumental, que tem como objetivo proporcionar ao leitor a compreensão e a interpretação de textos escritos na língua alvo, de diversas fontes, tanto da internet, como revistas, jornais ou livros, capacitando os sujeitos a lerem criticamente o mundo que o cerca, proporcionando um ensino mais eficaz. De acordo com Oxford (1990 apud GERMANOVIX, S/D, p.07):

[...] estratégias são passos que levam os alunos a alcançarem sua própria aprendizagem, isto é, tornando-os aprendizes autônomos. As estratégias são importantes instrumentos especialmente para aprendizagem de língua, porque são ferramentas essenciais que envolvem diretamente o desenvolvimento da competência comunicativa. As estratégias apropriadas de aprendizagem de língua melhoram a proficiência e aumentam a autoconfiança do aprendiz. (OXFORD 1990 APUD GERMANOVIX, S/D, P.07)

O docente é fator chave na aprendizagem dos alunos, de modo que encoraja os aprendizes a refletir sobre a língua, auxiliando-os a reconhecer e fazer uso das estratégias que julgarem ser mais adequada, fazendo com que os discentes construam autoconfiança, e que sejam capazes, de arriscar e enfrentar novas experiências.

Dessa forma, o professor necessita refletir constantemente sobre sua prática pedagógica para buscar metodologias que tragam resultados mais positivos na aprendizagem e que possam despertar a motivação dos alunos para aprender a língua alvo. Os PCNs reforçam que a prática de leitura em LE é uma habilidade que deve ser dinâmica e transformadora. As

estratégias de leitura contribuem para que os alunos consigam desvendar mais facilmente os aspectos implícitos presentes na infinidade de gêneros textuais existentes na nossa sociedade.

A competência primordial do ensino de línguas estrangeiras modernas no ensino médio deve ser a da leitura e, por decorrência, a da interpretação. O substrato sobre o qual se apóia a aquisição dessas competências constitui-se no domínio de técnicas de leitura – tais como *skimming*, *scanning prediction* – bem como na percepção e na identificação de índices de interpretação textual (gráficos, tabelas, datas, números, itemização, títulos e subtítulos, além de elementos de estilo e gênero) (BRASIL, 2002, p.97)

As estratégias de leitura proporcionam aos alunos chegarem à compreensão do texto sem a necessidade de utilizar o dicionário, apenas em caso de extrema necessidade é que podem buscar a tradução fora do contexto do texto, quando julgarem determinada palavra importante para o entendimento do texto e não conseguir inferir o seu sentido. Além disso, o leitor tem que se atentar ao título, subtítulo, bem como às imagens. Santos (2011, p.34) enfatiza que “É importante saber incorporar e balancear as informações que são dadas verbalmente (através de palavras) e não verbalmente para construir sentidos para o texto”. Antes de iniciar a leitura o leitor deve atentar para as informações não verbais, isto é, observar a fonte de onde o texto foi tirado, o autor e a data. Esses elementos são fundamentais para que o leitor confirme se as informações presentes no texto são seguras e se não estão ultrapassadas. Santos (idem) pontua que temos que observar sempre as palavras que estão em negritos, itálicos, sinais de pontuação, tabelas entre outros, esses elementos podem ajudar o leitor a prever o conteúdo do texto.

Um das estratégias utilizadas no Inglês instrumental é o *Skimming*, que consiste em passar o olhar rapidamente pelo texto buscando pistas, para ter uma ideia do assunto geral a ser tratado no texto. Devemos ainda, observar as palavras *cognatas*, que são palavras parecidas com a nossa língua na grafia e no som, além de atentar para as palavras repetidas que podem ser palavras-chaves para compreensão do texto. Segundo Santos (2011):

Skimming pode ser uma estratégia muito útil em termos mais gerais em diversas situações: quando não se tem ou não se quer gastar muito tempo numa leitura; quando se tem acesso a muitas informações ao mesmo tempo; quando se navega na internet de uma forma mais livre; quando se quer decidir se vale a pena ler um texto com mais cuidado. A estratégia é, também, particularmente útil no contexto de testes em que se tem pouco tempo para ler um ou mais textos e responder questões sobre esse (s) texto (s). (SANTOS, 2011, p.39).

Já a estratégia *Scanning* consiste em passar os olhos rapidamente pelo texto, buscando informações específicas para compreensão. O leitor deve destacar palavras chaves e tentar extrair somente as informações que poderão ajudar no entendimento do texto. É importante lembrar que o leitor deve tomar cuidado com os falsos cognatos, que são palavras parecidas com nossa língua na grafia, porém possuem significados diferentes. Para Santos (idem),

É comum lermos um texto procurando informações específicas, e nesses casos fazer um *scanning* do texto é suficiente para o objetivo da leitura. Leitores procuram informações específicas quando, por exemplo, lêem o jornal para saber um resultado do jogo de futebol, lêem um quadro de horários no aeroporto, examinam as informações nutricionais de um alimento no supermercado, observam a programação da TV para decidirem a que programa vão assistir. Nesses casos, não se faz a leitura integral do texto: faz-se um *scanning*.

O trabalho de desenvolvimento da leitura e compreensão de textos deve ser acompanhado a todo o momento com perguntas que instiguem os aprendizes a refletir sobre o texto, levando-os ao entendimento, a partir da aplicação das estratégias de leitura estudadas. O docente ao explorar as características do gênero discursivo estudado contribui para que o estudo da gramática seja contextualizado, pois são considerados os aspectos de produção, de autoria, público alvo, entre outros, que proporcionará aos alunos compreender os sentidos presentes no texto. Porém, é importante que o professor tome cuidado para que sua aula não se feche somente no ensino da gramática, uma vez que, ambos devem ser imbricados de modo a colaborar para o processo de aprendizagem do aluno. Nesse sentido, o ensino da LI pode tornar-se mais eficaz, produtivo, se o professor aplicar a abordagem instrumental associada a um gênero discursivo.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo em que nos embasamos na pesquisa narrativa, que tem por finalidade descrever as histórias pessoais e profissionais dos docentes, ou de pessoas que estejam ligadas no processo educacional, essas experiências colaboram para construção do significado nas práticas pedagógicas. De acordo com Teles (2002, p.16) nessa pesquisa os professores narram e constroem significados a partir de sua vivência pessoais e profissionais “[...] ao produzirem tais narrativas, os professores tomam a palavra, dão voz às suas teorias implícitas sobre suas práticas pedagógicas e se tornam agentes de seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional.”

Dessa forma, neste trabalho apontamos horizontes de práticas pedagógicas que possam ajudar o aprendiz de LE a fazer uso mais competente da língua, bem como mostrar recursos facilitadores para a prática de ensino do professor de LI em sala de aula. Para isso, narro os resultados adquiridos em minha prática docente vivenciada durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, do curso de licenciatura plena em Letras, da Universidade do Estado de Mato de Grosso, realizada em uma escola do interior do Estado de Mato Grosso.

Observamos que o ensino de LE em muitas escolas baseia-se no ensino tradicionalismo. Pensado em mudar o cenário que perpassa nas práticas pedagógicas ensinadas anualmente nas escolas, adotamos uma metodologia diversificada para o ensino de Língua Estrangeira, pois associamos a abordagem instrumental ao um gênero discursivo, no intuito de propiciar um espaço de reflexão em que o aluno possa desfrutar da leitura proposta, tornando-o assim, leitores mais autônomos e competentes em língua inglesa.

A fim de atingir os propósitos desse trabalho, fizemos leituras e fichamento da bibliografia indicada. Para nossa investigação nos valem de um referencial bibliográfico que nos deu um suporte qualitativo.

CAPÍTULO III: ANÁLISE

Neste capítulo apresento minha experiência vivenciada como acadêmica durante o estágio supervisionado III, do curso de licenciatura plena em Letras da Universidade do Estado de Mato de Grosso, realizada em uma escola da rede pública em Pontes e Lacerda (interior do Estado de Mato). Apontarei aqui novas práticas pedagógicas para o ensino de Língua Estrangeira, mais especificamente de Língua Inglesa. O primeiro questionamento que me fez expor minha prática docente foi o porquê da falta de estímulo por parte dos alunos nas aulas de LI. Sabendo da falta de motivação dos educandos adotei em minha ação uma metodologia diversificada, pois associei a abordagem instrumental ao gênero discursivo, no intuito de propiciar um espaço de reflexão em que os alunos possam sentir-se mais inseridos em sala de aula de maneira que desfrutem da leitura proposta e se tornem leitores mais autônomos e competentes em LI. Minha intenção é contribuir com os professores de LI, por apresentar possíveis sugestões para melhorar a prática pedagógica. Dessa forma, esse trabalho vai mostrar alternativas de abordagens de ensino aprendizagem, oportunizando facilitar a aprendizagem do aluno.

Este estudo está ancorado na visãosociointeracional de ensino, aquela que visa propiciar ao aluno a aprendizagem da língua por meio do seu engajamento discursivo, de maneira que o conhecimento da LE possa fazê-lo ter consciência de seu papel no espaço social em que vive. No primeiro momento, faço uma breve explanação de como foi minha prática e passo a descrever a sequência didática que apliquei em sala, de modo que faço uma reflexão da importância do uso do inglês instrumental associado ao gênero fábula nas aulas de LI.

3.1 Refletindo sobre o uso do inglês instrumental associado ao gênero fábula no ensino de LI

O objetivo da aula ministrada por mim foi desenvolver nos alunos de ensino médio as habilidades de leitura e compreensão de textos, proporcionando a estes a aplicação de diferentes estratégias de leitura da abordagem do Inglês Instrumental em LI. Escolhi os textos a serem trabalhados em sala, pensando em despertar o interesse e a motivação dos educandos. Observei a importância de aliar o trabalho com as estratégias de leitura a um gênero discursivo, dessa maneira, optei pelo gênero fábula, que são histórias que nos levam a pensar, a refletir e nos conscientizar enquanto seres humanos, aflorando os valores e normas que estão se apagando mediante a tanta transformação que perpassa no mundo. A fábula apresenta um papel significativo na vida das pessoas, por trazer noções de justiça e moral que podem possibilitar a construção de uma sociedade mais justa, além de poder despertar reflexões e até ações positivas nos leitores. O mesmo plano de aula foi aplicado em duas turmas diferentes.

Iniciei minha prática promovendo uma discussão em relação à importância de se aprender LI, na finalidade de saber a opinião deles e ao mesmo tempo criar um espaço de interação, dessa forma, fiz as seguintes perguntas:

- Vocês gostam de estudar a LI?
- Se gostam, quais os motivos que os levam a gostar da língua?
- Se não gostam? Porque não gostam?
- Quais os meios mais comuns de contato com a língua?
- Porque é importante aprender a LI?
- Quais os momentos do nosso cotidiano que necessitamos “ler/compreender” textos em LI?

A maior partados alunos disse que não gostavam de estudar a LI. Através das respostas, percebi que o fator principal deles não gostarem de LI era o fato das aulas serem baseadas no ensino tradicional, de serem repetitivas, cansativas e, além de tudo, improdutivas, o que causava a desmotivação. Vendo a insatisfação dos alunos pela LI, passei um vídeo, que retirei do *youtube*. Era uma notícia que foi veiculada pelo Jornal Hoje, que abordava a importância de se aprender outra língua, o vídeo ainda dava dicas de como aprender a LI. O objetivo desse vídeo foi de estimular e incentivar os discentes a respeito da necessidade de estudar a língua, despertando neles o desejo e a vontade de querer conhecer e buscar informações que podem auxiliá-los na aprendizagem de LI, os alunos interagiram e se

sentiram motivados, pude perceber isso pelos gestos e pelo entusiasmo que eles mostraram nas discussões levantadas.

Após ter criado um ambiente de interação, apresentei minha proposta de ensino para os discentes mostrando-lhes as estratégias de leitura e sua importância. Enfatizei que nós usamos constantemente as estratégias de leitura em nosso dia-a-dia. Ressaltei ainda, que as estratégias de leitura são de suma importância para compreensão de LE, e podem ser aplicadas em diversas ocasiões, por exemplo: em casa, no trabalho, provas de concurso, no ENEM e no vestibular, entre outros. Logo após ter feito uma pequena explanação do uso do inglês instrumental, apresentei algumas estratégias para auxiliá-los na leitura dos textos, destaquei também, que existem várias estratégias de leitura, mas que naquele momento eu iria explorar apenas algumas:

- *Predicting;*
- *Skimming;*
- *Scanning;*
- *Scanning for images;*
- *Numbers and universal symbols;*
- *Scanning for key-words specific information.*

Exemplifiquei as estratégias por meio de textos em língua portuguesa e inglesa, a fim de mostrar aos alunos que é possível compreender o texto mesmo não conhecendo todas as palavras. Destaquei ainda, que o sentido de uma determinada palavra difere de acordo com o contexto em que é empregada e que pode ser inferido o seu significado por meio das outras palavras que fazem parte da frase em que ela se encontra, ou pelo contexto maior do texto.

Com o objetivo de refletir sobre a temática do texto e analisar as características do gênero fábula, fiz os seguintes questionamentos aos alunos:

- Vocês conhecem o gênero fábula?
- Já ouviram ou leram alguma?
- Onde normalmente encontramos estas histórias?
- O que as diferencia de outros textos?
- Para quem são escritas?
- Onde e quando o texto foi publicado?
- A partir do título o que podemos esperar encontrar no texto?
- Sobre o que vai tratar?

- Observe a ilustração, o que ela lhe sugere?

Os questionamentos acima foram feitos na leitura de todos os textos. Trabalhei a leitura de três fábulas, estes textos traziam imagens o que facilitou os discentes a compreender melhor o texto. Primeiramente, eles se atentaram ao título e as imagens e anotaram as palavras cognatas, em seguida, fizeram uma leitura rápida usando *scanning for key- words and specific information*, que é passar os olhos rapidamente pelo texto procurando “pistas” para a compreensão do texto. Após isso, juntamente com os alunos voltei novamente na leitura do texto usando a estratégia *skimming*, passando os olhos sobre o texto para entender a ideia geral. Durante toda a leitura eu fazia perguntas aos educandos instigando-os a buscar a compreensão do texto, de modo que foram usando o conhecimento prévio deles paralelamente às estratégias de leitura, assim, aos poucos foram atribuindo significado aos textos. Percebi que todos os alunos se mostraram muito participativos na leitura e nas atividades de compreensão propostas, além disso, os alunos ficaram surpresos por conseguirem entender os textos em LI sem a necessidade do uso do dicionário. Isso mostra a eficácia da aplicação das estratégias de leitura da abordagem do Inglês Instrumental associadas ao trabalho com os gêneros discursivos.

Após ter feito a leitura instrumental, retornei novamente com os alunos na característica do gênero fábula, de modo que fiz os seguintes questionamentos:

- Quem escreveu o texto?
- Para quem o texto se dirige?
- Qual a relação entre o título e as ideias expressas no corpo do texto?
- Qual é o ponto de vista do autor?
- Com que finalidade o autor escreveu o texto?
- Que tipo de linguagem foi empregado? Há palavras desconhecidas?
- Em que local ocorre a fábula e quem participa dela?
- Quando ocorrem os fatos?
- É possível determinar com exatidão quando ocorrem os fatos? Como?
- Como a fábula se inicia? Existe semelhança com outras histórias que você já ouviu? Quais?

Notei que os alunos se prenderam na leitura das fábulas de forma magnífica, de maneira que o texto fez com que refletissem sobre as atitudes do ser humano. Eles fizeram até uma relação entre os aspectos discutidos na fábula com as experiências de vida deles, deste

modo, as experiências vividas no cotidiano dos alunos foram transportadas para sala de aula. Isso nos mostra que criar um ambiente de aprendizagem não é difícil, basta o professor refletir em sua ação buscando práticas que tenham relação com a vida dos alunos. Além disso, existem várias metodologias que podem auxiliar o professor em seu trabalho, de maneira que sua aula produza melhores resultados. Como já citado acima, trabalhei essa sequência didática com duas turmas diferentes e as duas salas se mostraram entusiasmadas com as propostas de estudo. Percebi que os alunos ficaram motivados, pois as atividades foram realizadas com gosto, fator fundamental para um processo de aprendizagem bem sucedido.

A partir da minha prática como professora na escola, pude observar que os alunos vivem realidades muito diferentes, o mundo escolar e o mundo onde eles vivem. E o mais interessante é que, quando os alunos entram no âmbito escolar suas experiências de mundo são deixadas para trás, a sala de aula é regida por atividades que não tem relação nenhuma com a vivência do dia-a-dia deles. Esse mesmo processo ocorre no momento em que os alunos saem da escola, eles não conseguem aplicar o aprendizado adquirido no contexto escolar em suas vidas, porque não faz sentido, são conteúdos muito distantes das experiências do cotidiano deles. Além disso, eles estão diariamente em contato com diversas fontes de aprendizagem que poderiam ser trabalhadas em sala de aula, como os diversos gêneros digitais. Assim, a LI acaba sendo vista pelos educandos com indignação, são aulas cansativas, enjoativas e os conteúdos são sempre os mesmos, causando mais desmotivação.

Infelizmente, essa foi a realidade que encontrei ao conversar com os alunos durante minha regência, é preocupante a falta de motivação pelo ensino de LI. Penso que o ensino de LE precisa passar por uma reestruturação, de modo que os professores passem a refletir mais sobre sua ação e que possam criar e recriar suas aulas, a fim de que possibilitem uma construção mais significativa na aprendizagem. É relevante que o professor tenha consciência de que é essencial renovar a prática pedagógica por meio de pesquisas e estudos contínuos, que isso é um exercício que exige muita paciência e determinação. Se uma aula não surtir os efeitos previstos, ao invés de ficar frustrado, o professor pode refletir e tentar compreender os pontos negativos que levaram a improdutividade, reconstruindo e renovando seus conceitos de maneira que nas próximas aulas ele possa reverter à situação anterior, construindo uma nova prática de ensino.

Por tentar melhorar as condições no processo de ensino, adotando esse tipo de postura, pode ser possível mudar o improdutivo cenário que perpassa o espaço escolar. Vale ressaltar que o caos na educação, o fracasso no processo de ensino/aprendizagem não é culpa apenas da prática desmotivada do professor, existem outros elementos que inviabilizam a qualidade,

como o número excessivo de alunos nas salas e o número reduzido de aulas de aulas de LI, falta de um bom plano de carreira, cargos e salários etc. Enquanto esses problemas não forem solucionados a educação continuará precária.

Ainda é pertinente que o professor construa uma postura afetiva para com os seus alunos, demonstre que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado deles, para que possa despertar o desejo pela aprendizagem. Ensinar exige comprometimento, criticidade, ousadia, criatividade, aceitação do novo, refletir sobre a prática pedagógica, saber respeitar as diferenças dos aprendizes, é ter esperança e acima de tudo amar a profissão.

Como já citado nos capítulos anteriores, vivemos hoje na era da informação e da tecnologia. As TICs podem trazer resultados significativos no ensino de LI se utilizadas como ferramentas pelo professor para elaborar aulas mais dinâmicas, prazerosas, significativas e que tenha relação com o cotidiano dos alunos. Além disso, tudo que é novo e diferente desperta a atenção dos alunos. É importante frisar, que simplesmente se valer dos recursos tecnológicos não é o bastante para que uma aula de LI seja bem sucedida, mas o professor precisa estar teoricamente embasado a respeito do que ele acredita acerca do processo de ensino e aprendizagem e do que ele pensa sobre o conceito de linguagem. Enfim, se trabalhar de forma tradicional, mesmo com a tecnologia, não contribuirá para a construção do conhecimento da língua alvo por parte de seus alunos.

Geralmente, as escolas públicas possuem recursos tecnológicos que poderiam ser usados em benefício do ensino de LE, mas a maioria dos profissionais da educação não está bem preparada para usar essas ferramentas em favor da boa qualidade das aulas de línguas. O poder público precisa criar programas de formação continuada para os professores e profissionais da área da educação, oportunizando cursos que preparem esses profissionais para lidar com o novo e, em seguida, mostrar como eles poderiam aperfeiçoar e renovar sua prática de ensino.

Através da sequência didática que apliquei, percebi que o uso das estratégias de leitura associadas a um gênero discursivo, possibilita um ensino mais eficaz e interessante. As estratégias possibilitam uma forma mais dinâmica e interativa de trabalhar a leitura. Essa interação que ocorre no momento da leitura é que instiga o aluno a querer compreender o que está escrito no texto e, com isso, acaba aflorando nos aprendizes o desejo pela leitura e pelo aprendizado de LI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi que ao explorar as características do gênero fábula, pode facilitar a aprendizagem de LI, porque explorar o contexto de produção, quem escreveu para quem, onde e quando, com que finalidade o autor escreveu o texto, o contexto sócio cultural, todos esses recursos servem para contextualizar a utilização da língua alvo socialmente, o que a torna mais compreensível e significativa para o aprendiz. Além disso, contribui muito para o entendimento do texto, além de promover um espaço de diálogo, preparando os alunos a compartilharem ideias, a serem críticos e criativos. Ao trabalhar com o gênero discursivo o professor estará propiciando o trabalho real com a língua, contribuindo assim, para aprendizagem de LI.

Ao trabalhar com as estratégias de leitura associadas ao gênero discursivo, é pertinente que o docente, num primeiro momento, faça com que os aprendizes ativem seu conhecimento de mundo, bem como, atentar para a organização textual, isto é, explorar as características de escrita do gênero. Em seguida, no momento da leitura, o aluno vai buscar através de seu conhecimento prévio de mundo e de organização textual informações, e associá-las ao texto que esta sendo lido/estudado, logo após, eles vão usar as outras estratégias de leitura que são: *scanning*, *skimming* as palavras *cognatas* entre outros, para compreender os sentidos do texto, além de fazer inferência para entender os vocábulos diferentes. Após a leitura, o professor pode criar atividades que levem o aluno a refletir, entender e compreender as ideias e intenções do autor do texto estudado, de modo que faça com que o aluno assuma uma postura crítica, ou seja, que ele possa relacionar suas experiências de mundo com a ideia do autor, tornando-os aprendizes mais participativos.

Ao explorar as características do gênero discursivo estudado, o professor contribui para que o ensino da língua alvo seja contextualizado, pois são considerados os aspectos de produção, de autoria, público alvo, entre outros, que proporcionará aos alunos compreender a utilização da língua e perceber com mais facilidade os sentidos presentes no texto. A habilidade de leitura é imprescindível para o aprendizado de LI, de modo que o leitor enriquece seu conhecimento a cada leitura realizada, além de aumentar sua percepção crítica, expressando melhor às suas reais necessidades. Ao trabalhar com as estratégias de leitura, o professor pode proporcionar ao aluno leitor a compreensão e a interpretação de textos em LI de modo mais motivador, com isso os alunos irão se sentir mais confiantes diante da leitura dos textos, despertando uma boa autoestima no aprendiz, facilitando assim, a aprendizagem de LI.

Acredito que contemplar as estratégias de leitura associadas aos gêneros discursivos seja uma opção muito produtiva nas aulas de LI, porque pode resultar em aulas mais dinâmicas, que tenham mais relação com o cotidiano dos aprendizes. É importante despertar a reflexão dos alunos sobre as questões discursivas para incentivá-los a tomar conhecimento de seus papéis como cidadãos, capazes de assumir uma determinada postura discursiva. O professor, ao usar as estratégias de leitura da abordagem do Inglês Instrumental, deve estimular os alunos, mostrando que mesmo não tendo um conhecimento amplo da LI, podem conseguir compreender os textos.

Como já discutimos ao longo do estudo, as estratégias de leitura podem contribuir admiravelmente para a aprendizagem de LI, pois, no momento da leitura os alunos podem ser motivados a compartilhar informações, a construir e reconstruir seus conhecimentos, além de assumir uma postura crítica em relação a questionamentos feitos durante a compreensão do texto.

Sugiro que o professor de LI não desanime diante das dificuldades encontradas no espaço escolar, mas que se conscientize de que ele é fator chave na construção do conhecimento dos alunos. Vale ressaltar que para obter sucesso é primordial que ele esteja sempre se atualizando por meio de estudos e pesquisas, buscando melhorar sua prática pedagógica a cada dia, levando conteúdos significativos que promovam motivação nos alunos. Além de criar situações de aprendizagem, elaborar tarefas, avaliar sua ação em sala de aula de LI e administrar os ajustes necessários, o professor deve atentar-se a formar alunos-leitores, críticos e reflexivos.

Considero que este estudo ainda pode ser explorado, discutido e ampliado, fornecendo outras conclusões, porque o conhecimento não é algo pronto e acabado, mas sempre possível de ser reconstruídos de muitas maneiras.

Referências

ABREU-TARDELLI, L. S. 2007. Elaboração de seqüências didáticas: ensino e aprendizagem de gêneros em língua inglesa. In: DAMIANOVIC, M. C. (org). 2007. **Material didático: elaboração e avaliação**. Cabral: editora e livraria universitária. Taubaté.

BARBOZA, Catia Aparecida Vieira. **A lingüística Aplicada e o Professor de Língua Inglesa: novas formas de pensar a prática pedagógica**. Revista semioses, vol. 01, N.05, Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.Linguagem, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

COSTA, ElzimarGoettenauer de Marins. **Gêneros Discursivos e Leitura em Língua Estrangeira**. Revista do GEL, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 2, p. 181-197, 2008.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **O jogo discursivo na aula de leitura**. Campinas: Pontes, 1995.

GAMERO, Raquel. GIMENEZ, Telma. KADRI, Michele Salles El Kadri. **Material didático para educação tecnológica de professores de inglês: uma experiência no âmbito do programa ‘novos talentos’**.Universidade Estadual de Londrina Linguagem & Ensino, Pelotas, v.15, n.1, p. 181-212, jan./jun. 2012.

GERMANOVIX, Cristina Cardoso. **Um Estudo de Impacto de Estratégias de Leitura no Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2330-8.pdf> Acesso em: 01/06/2013

GÓES, Delvânia Aparecida dos Santos. MATSUBARA, Sandra Sizuka Pinotti. Professor Crítico – Reflexivo: Voz e ação para outra história possível. In: BARROS, Solange Maria de. ASSIS, Ana Antônia de (org.). **Formação Críticas de Professores de Língua: Desejo e Possibilidades**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

LEFFA, Vilson J. Perspectivasno estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J. ; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual; alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

MARCELO, Dánie de Jesus. Linguagem e reculturação de professores no ambiente digital. In Barros, Solange Maria de. Assis, Ana Antônia – Peterson (Org.). **Formação Crítica de professores de Línguas: Desejo e possibilidades**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

MARCIOTTO, Ana Larissa Adorno oliveira. RIBEIRO, Paula Souza. Formação de Professores em Linguística Aplicada: poderá Sísifo ser feliz? In: BARROS, Solange Maria de, ASSIS, Ana Antônia de (org.). **Formação Críticas de Professores de Língua: Desejo e Possibilidades**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

OCNs.**Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: Ministérioda Educação, Secretaria de Educação Básica, (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1) 2006.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Práticas de Ensino e aprendizagem de Inglês com foco na Autonomia**. Campinas. Pontes Editores, 2ªedição, 2007.

PINTO, Eliane Machado. **Estratégia de Leitura**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/945.pdf> Acesso em: 01/06/2013

MATOS, Elizete Lucia Moreira. SANTOS, Marisilvia dos. SCARABOTTO, Suelen do Carmo dos Anjos. **Imigrantes e Nativos: Um Dilema ou Desafio na Educação?**Curitiba, 2011.

SANTOS, Denise. **Como ler melhor em inglês**. Barueri, SP. Disal, 2011.

TELLES, João A. Assis. **É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas**.Linguagem e Ensino, Vol. 5, No. 2, 2002.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **A educação escolar no contexto das tecnologias da informação e da comunicação: desafios e possibilidades para a prática pedagógica curricular**. Revista faac, Bauru, v. 1, n. 1, p. 35-45, abr./set. 2011.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento Digital e Ensino**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> Acesso em: 28/04/2013